

ANTONIN ARTAUD



TEXTOS SURREALISTAS

ANTONIN
ARTAUD

TRADUÇÃO DE OLIVIER DRAVET XAVIER



SUMÁRIO

PAULO OS PÁSSAROS OU O LUGAR DO AMOR SEGUIDO DE UMA PROSA PARA O HOMEM DO CRÂNIO DE LIMÃO	7
TEXTO SURREALISTA	17
ENQUETE	19
SEGURANÇA PÚBLICA I A LIQUIDAÇÃO DO ÓPIO SOBRE O SUICÍDIO	21
DECLARAÇÃO DO DIA 27 DE JANEIRO DE 1925	27
O MAU SONHADOR	31
À MESA	33
SONHO	35
CARTA AOS REITORES DAS UNIVERSIDADES EUROPEIAS	38
AO PAPA	41
AO DALAI-LAMA	45
CARTA ÀS ESCOLAS DO BUDHA	47
A ATIVIDADE DO GABINETE DE PESQUISAS SURREALISTAS	49
NOVA CARTA SOBRE MIM MESMO	51
POSIÇÃO DA CARNE	55
MANIFESTO EM LINGUAGEM CLARA	57
CARTA A NINGUÉM	61
CORRESPONDÊNCIA DA MÚMIA	65
EM PLENA NOITE OU O BLEFE SURREALISTA	67
PONTO FINAL	69
O DIÁLOGO EM 1928	77
O OSSÍCULO TÓXICO	87
DOIS DOCUMENTOS INTERNOS	89
CARTA AOS MÉDICOS-CHEFE DOS ASILOS DE LOUCOS	93
DESCRIÇÃO DE UM ESTADO MENTAL	96
SURREALISMO AVANT LA LETTRE, POR FAGNER TORRES	99



PAULO OS PÁSSAROS
OU O LUGAR DO AMOR¹ SEGUIDO DE
UMA PROSA PARA O HOMEM DO CRÂNIO DE LIMÃO

Paolo Uccello está pensando em si mesmo, em si mesmo e no amor. O que é o amor? O que é o Espírito? O que é *Eu mesmo*?

Podemos imaginá-lo como quisermos, em pé, em frente a uma janela, a um cavalete, ou até mesmo sem aparência alguma e desprovido de todo corpo, assim como ele gostaria de ser. Sem lugar algum do espaço em que possa marcar o lugar de seu espírito.

Ele está aprofundando um problema impensável: determinar-se, como se não fosse ele mesmo que se determinasse, ver-se com os olhos de seu espírito sem que sejam os olhos de seu espírito. Conservar o benefício de seu julgamento pessoal, alienando a própria personalidade deste julgamento. Ver-se, e ignorar que é ele mesmo que se vê. Mas que esse olhar sobre si mesmo se estenda e se essencialize diante dele, como uma paisagem mensurável e sintetizada.

E, no entanto, à medida que ele o persegue, o problema se desloca. Ele é ora o recipiente, ora o conteúdo. Ele é ATUAL, quero dizer atual para nós, homens de 1924, e ele é si mesmo. Ele é Paolo Uccello, e é seu mito, e se faz PAULO OS PÁSSAROS.

(É a mesma coisa, mas tudo bem. Quero dizer que “Paolo Uccello” seria o seu nome real, histórico, aquele com o qual NÓS o chamávamos, e “Paulo os Pássaros” aquele com o qual ele se ouve chamar por nós, que somos para ele o além do tempo.)

¹ *N. do T.* Esta é a segunda versão publicada deste texto, escrita em 1924, pouco antes da adesão de Artaud ao movimento surrealista.

E então ele constrói sua própria história e, pouco a pouco, se desvincula de si. As respostas se cruzam dentro dele fora do tempo. E aí dele se por um instante ele desviar os olhos de si mesmo para saborear sua sonoridade. Ele é Paulo os Pássaros. Essa Selvaggia, será que ele a fez tal como ELES nos mostram que ela é, ou será que ela se impôs a ele? Mas aqui suas ideias se confundem. Estou na janela e estou fumando. Agora sou eu Paulo os Pássaros. A noite é bela, o céu massivo, a cada baforada desfilam ruas com vastas casas de palavras. Chifres magem. Vestidos se abrem no céu. Toda mulher em mim se absorve. Sou glorioso. A mim o mundo. Não o mundo. Mas este pequenino ponto no espírito.

Ela está sentada e morre. Belo mito, belo intento: pintar o desvanecimento da forma, não a linha que aprisiona todas as outras, mas aquela que começa a não mais ser.

Você me ama, Selvaggia:

mas é verdade que eu não penso no amor. E, no entanto, em algum lugar há amor para mim, perto de mim. Onde é o lugar do amor?

O meu espírito é um número ardente onde as duas ideias se encontram: o amor, o espírito. E há muito tempo eu desisti de ser homem. Tornei-me o seu sacrifício, o dela. Eu vali o seu desaparego. Eu, ou seja, aquele que foi outrora Paolo Uccello, que deixou que ela morresse de fome.

E, no entanto, eu vi sua morte. Donatello, Brunelleschi me assistem. Eu sei que ela vai morrer, mas sua morte só me toca no espírito, e aqui evidentemente ela não é mais a morte. Alcanço a linha impalpável. POEMA MENTAL.

Eis: Brunelleschi briga comigo. Nós discutimos uma particularidade do real (o assunto é o desaparego de Selvaggia, que acaba se deixando morrer por ele; mas a esse desaparego, ela mesma não participa).

Eu: – Ela veio a mim com inconsciência. Ela ignorava o próprio desapego.

E foi sobre a inconsciência desse desapego que Paolo Uccello construiu todo um edifício de espiritualidade ilusória. Ele a coloca acima da vida. Há desapego em algum lugar, mas não nela, já que ela o ignora. E eu, Paolo Uccello, eu também sou desapegado dela, e do meu próprio desapego. E você, você matou a vida, Paolo Uccello, você dispôs da vida.

Eu: – Eu sou o espírito. O espírito está acima da vida.

Brunelleschi: – Ah! Que morramos todos, que abulamos todos os problemas.

Que pereça também o vento vão das palavras.

Cada sopro é nada.

O espírito não está fora dos nossos peitos.

Você também é de sangue, os Pássaros.

Aqui eu fui atingido num ponto nevrálgico. Eu me recuso:

Eu: – Não estou mais ouvindo, não estou mais ouvindo.

Sou de sangue, é claro que sou de sangue. Mas eu mesmo não me vejo a essa hora. Não penso estar vivo. Sou tal como me fabricaram, e isso é tudo.

E, no entanto, é ele que se fabrica. Inclusive vocês vão ver. Ele continua:

Sim, Brunelleschi, sou eu que penso.

Neste momento você está falando em mim mesmo.

Você é como eu bem quiser.

A discussão continua... durante muito tempo, e passa de um assunto para o outro com rapidez. Chega um momento em que Paolo Uccello entra com uma grande tirada de um lirismo preparado sobre o lugar da arte no espírito. Ele a pronuncia com uma inverossímil vozinha de velha ou de abestalhado:

– Sepultura, você só esculpiu a sepultura. Você deu rosto à mentira. Você estabilizou a mentira, mentiroso, na eternidade do tempo você delimitou a mentira, e ainda mais mentiroso por tê-lo feito principescamente.

(Trata-se de uma primeira tentativa de drama mental.)

Eu imaginei isso tudo como um drama teatral, mas que se passasse unicamente no espírito. É por isso que a realidade física dos meus personagens me preocupa. Aliás, não vão buscar longe demais a chave da peça, eu tentei operar em mim mesmo à medida que eu escrevia um trabalho mental análogo àquele que imponho aos meus personagens. Por isso a confusão aparente da peça toda. Ou melhor, eu tentei me fundir ao mito de Paolo Uccello.

Eu me confino no mito.

Eu realmente sou Paulo os Pássaros.

Meu espírito não pode mais sequer tentar o mínimo desvio à direita, à esquerda.

Eu sou tal como eu me vi.

Essa é a unidade da peça.

Estou ora na vida, ora acima da vida. Sou como um personagem de teatro que teria ele mesmo o poder de se pensar e de ser ora abstração pura e simples criação do espírito, ora inventor e animador dessa criatura do espírito. Ele teria, então, enquanto vive a faculdade de negar a própria existência e de se furtar à pressão de seu antagonista, que continuaria sendo ele mesmo, de uma ponta à outra, e de uma só vez, sempre visto sob o mesmo ângulo.

Essa é a minha superioridade sobre Brunelleschi.

Certo, mas nisso tudo, onde está o lugar do amor?

– Ele participa do desapego geral do espírito de Paolo Uccello e talvez o alimente um pouco ao viver. Ele lhe dá o impulso natal. Mais uma questão impalpável.

Mas continuemos a aprofundar o problema.

Assim, então, Brunelleschi se afirma enquanto defensor da vida.

Brunelleschi: – Eu esculpi a vida, eu, Brunelleschi.

Eu dei forma às formas da vida.

Eu realizei paisagens.

É inútil dizer-lhes que Brunelleschi está apaixonado pela mulher de Paulo os Pássaros. Ele o critica entre outras coisas por deixá-la morrer de fome. (É possível morrer de fome no espírito?)

Ao que Donatello, que também está presente, replica:

Você não conhece, Brunelleschi, a linguagem do verdadeiro amor.

A discussão se torna um imenso teatro.

E, então, caracterizemos os personagens; demo-lhes uma forma física, uma voz, um traje.

Paulo os Pássaros tem uma voz imperceptível, um jeito de inseto, um vestido grande demais para ele.

Brunelleschi, por sua vez, tem uma verdadeira voz de teatro, sonora e bem carnuda, e parece com o Dante.

Donatello está entre os dois: são Francisco de Assis antes dos estigmas.

A cena acontece em três planos.

Que² imaginemos um corte do espírito, com o ronco contraditório das coisas. O espírito se fixa arbitrariamente a um tema, a um efeito, o tema pede sua consistência e as palavras sua sonoridade. Só resta um som no espírito. E eu, eu me viro no Espírito. O tema de Paolo Uccello me trabalha, tema fugidio cujas contradições se reduzem a descer por baixo do Espírito. E, no entanto, eu sou eu mesmo. Nada perco de minha densidade. Eu e o Espírito nos medimos frente a frente. Espírito canalha. Não consigo me fixar a um tema. O tema inteiro já passou em mim. É preciso ir ao fundo de mim mesmo. Contemplo-me, a mim e ao meu tema. Falo pela boca do tema. Chamo a mim toda a vida. O céu é belo, minha mulher é bela, chifres mugem nas ruas. Sinto o céu se fender acima de mim. Mas Paolo Uccello me chama com seu problema inconsistente. Preciso fundi-los em mim, isso é a vida, isso é a vida. A vida toda a cada instante. Tudo o que rola no Espírito, todas as dimensões, todas as qualidades, todas as correntezas. O pior e o absurdo, a impotência, o desvanecimento.

– Então [] não nos interessa.

– É claro que isso lhes interessa. Tudo o que é real nos interessa. O Tratado de Versalhes nos interessa, o Edito de Nantes ou as *Confissões de um comedor de ópio*. Entenda-o como o [] de um amaldiçoado.

Eu desmorono a cada curva, minhas bifurcações são inúmeras. Ora! E depois? A angústia cósmica da época não cabe nestes finos folhetos, mas sim a angústia mental de um homem nas lacunas de seu pensamento. Nela podemos identificar, além do mais, um tema do gênero dito literário, e, por pouco que seja, preocupações de estilo, imagens atualizadas. Eu já disse que todos os níveis, todas as qualidades se encontram

² N. do T. Este é, provavelmente, o texto anunciado mais acima, *Uma prosa para o homem do crânio de limão*.

nela, todas as correntezas. Ela é como um corte do espírito com as mudanças bruscas da impotência, minuciosamente registradas. *E, no entanto, o sentimento em toda parte é o mesmo.*

O que é que importa em tal tentativa?

Que os materiais transportados sejam verdadeiros.

Podemos fazer de tudo no espírito, podemos falar em todos os tons, *até naquele que não convém.* Não existe um suposto tom literário, não mais do que sujeitos que não possamos empregar. Se eu quiser eu posso falar no tom de uma conversa ordinária. Posso, desde já, renunciar ao efeito. Posso renunciar a toda e qualquer impressão. *Só uma coisa faz a arte; a palpabilidade das intenções do homem.*

É a consciência que faz a verdade.

À luz da evidência³ e da realidade do cérebro,

no ponto em que o mundo se torna sonoro e resistente em nós,

com os olhos de quem sente em si as coisas se refazerem, de quem se prende e se fixa ao começo de uma nova realidade.

Esses estados em que a realidade mais simples, mais ordinária, não chega a mim, em que a instante pressão da realidade cotidiana não penetra em mim, em que eu não atinjo nem o nível necessário da minha vida.

E que essa pressão e esse sentimento em ti saiam à luz do dia e aconteçam com sua evidência, e sua densidade normal no mundo e que convém ao que és num sistema e com uma quantidade que te representa, com a *quantidade* que te representa.

Não o volume das coisas propriamente dito, mas seu sentimento e sua ressonância em mim: ressonância na ponta da qual se encontra o pensamento.

Deixar-se levar pelas coisas em vez de se fixar a alguns de seus aspectos ilusórios, de buscar sem fim definições que delas só nos mostram pequenos aspectos

mas para isso ter em si a correnteza das coisas, estar no mesmo nível que essa correnteza, estar enfim no nível da vida em vez de aceitar que nossas deploráveis circunstâncias mentais nos deixem perpetuamente no meio-termo,

³ N. do T. Texto escrito à mão por Artaud no folheto do poema *la Vitre d'Amour* (lit. A Vidraça de Amor).

estar no nível dos objetos e das coisas, ter em si sua forma global e sua definição de uma só vez

e que as localizações de tua substância pensante se movam ao mesmo tempo que o sentimento e a visão das coisas em ti.

*

De uma vez por todas.

1º eu pareço terrivelmente preocupado em demonstrar que não penso e que tenho consciência disso, que tenho o cérebro fraco, mas eu penso em primeiro lugar que todos os homens têm o cérebro fraco – e, em seguida, que é melhor ser fraco, que é melhor estar em um estado de abdicação perpétua diante do nosso espírito. Trata-se de um estado melhor para o homem, de um estado mais normal, mais adaptado ao nosso sinistro estado de homens, a essa sinistra pretensão dos homens que é a de querer.

Tenho uma imaginação deslumbrada.

*

Há montanhas de problemas que nos cercam por todos os lados: Azar de quem pensou escapar dos problemas, azar de quem pensou poder dispensar-se de pensar.

Que século transmite, que século pode mostrar aos que a ele pertencem esse esforço desesperado de conquista que se encontra nos cumes glaciais do Espírito.



TEXTO SURREALISTA⁴

O mundo físico ainda está aí. É o parapeito do eu que observa, sobre o qual ficou um peixe de ocre vermelho, um peixe feito de ar seco, de uma coagulação de água retirada.

Mas de repente algo aconteceu.

Nasceu uma arborescência explosiva, com reflexos de frentes, limadas, e algo como um umbigo perfeito, mas vago, que tinha a cor de um sangue encharcado de água, e na frente havia uma granada que espalhava também um sangue misturado com água, que espalhava um sangue cujas linhas pendiam; e nessas linhas, círculos de seios traçados no sangue do cérebro.

Mas o ar era como um vazio aspirante no qual surgia esse busto de mulher, em meio ao tremor geral, no sacudir deste mundo vidrado, que virava estilhaços de frentes e sacudia sua vegetação de colunas, suas ninhadas de ovos, seus nós em espiras, suas montanhas mentais, seus frontões espantados. E aos frontões das colunas, por acaso, sóis estavam presos, sóis dispostos sobre jatos de ar como ovos, e minha frente empurrava essas colunas, e o ar flocoso, e os espelhos de sóis, e as espiras nascentes, na direção da linha preciosa dos seios, e o oco do umbigo, e o ventre que não era.

Mas todas as colunas perdem seus ovos, e rompendo com a linha das colunas nascem ovos em ovários, ovos em sexos revirados.

A montanha está morta, o ar está eternamente morto. Nessa ruptura decisiva de um mundo, todos os sons estão presos no

⁴ N. do T. Este texto, publicado em *la Révolution surréaliste*, nº 2, fazia parte de um conjunto de "Textos surrealistas", de vários autores, obtidos graças ao método da escrita automática.

gelo, o movimento está preso no gelo; e o esforço da minha frente se congelou.

Mas sob o gelo, um som assustador atravessado por casulos de fogo envolve o silêncio do ventre nu e privado de gelo, e erguem-se sóis revirados e que se olham, luas negras, fogos terrestres, trombas de leites.

A fria agitação das colunas divide em dois o meu espírito, e eu toco meu sexo, o sexo da parte de baixo de minha alma, que se ergue como um triângulo em chamas.⁵

⁵ Este texto foi escrito sob a inspiração dos quadros do Sr. André Masson.

ENQUETE

NÓS VIVEMOS, NÓS MORREMOS. QUAL É O LUGAR DA VONTADE NISSO TUDO? PARECE QUE NOS MATAMOS COMO SONHAMOS. NÃO É UMA QUESTÃO MORAL QUE LEVANTAMOS:

*O SUICÍDIO É UMA SOLUÇÃO?*⁶

Não, o suicídio ainda é uma hipótese. Eu pretendo ter o direito de duvidar do suicídio como de todo o resto da realidade. *É preciso*, por enquanto e até segunda ordem, duvidar horrivelmente não da existência propriamente dita, coisa que está ao alcance de qualquer um, mas sim da agitação interior e da sensibilidade profunda das coisas, dos atos, da realidade. Não acredito em nada a que eu não esteja ligado pela sensibilidade de um cordão pensante e como que meteórico, e convenhamos que me faltam meteoros em ação. A existência construída e sensível de todo homem me incomoda, e decididamente eu abomino toda realidade. O suicídio não passa da conquista fabulosa e longínqua dos homens que pensam bem, mas o estado propriamente dito do suicídio é para mim incompreensível. O suicídio de um neurastênico não tem valor de representação algum, mas o estado de espírito de um homem que tenha determinado corretamente o seu suicídio, as circunstâncias materiais, e o minuto do desencadeamento maravilhoso. Ignoro o que são as coisas, ignoro todo estado humano, nada no mundo gira para mim, nada gira em mim. Sofro terrivelmente da vida. Não há estado algum que eu

⁶ N. do T. Resposta a uma enquete da revista *la Révolution surréaliste*, nº 2.

possa atingir. E certamente estou morto faz tempo, já estou suicidado. Ou seja, me suicidaram. Mas o que vocês achariam de um *suicídio anterior*, de um suicídio que nos fizesse voltar atrás, mas do outro lado da existência, e não do lado da morte. Só este teria para mim algum valor. Não sinto o apetite da morte, sinto o apetite *de não ser*, de nunca ter caído nesse reduto de imbecilidades, de abdições, de renúncias e de obtusos encontros que é o eu de Antonin Artaud, bem mais fraco do que ele. O eu desse enfermo errante e que de vez em quando vem oferecer sua sombra na qual ele mesmo cuspiu, e há muito tempo, esse eu aleijado, se arrastando, esse eu virtual, impossível, e que ainda assim se encontra na realidade. Ninguém sentiu como ele sua fraqueza que é a fraqueza principal, essencial da humanidade. A de ser destruída, a de não existir.